

Kid Abelha fecha ciclo com “Coleção”



International Magazine – Coleção é um disco de raridades que, além de algumas poucas inéditas, traz pérolas que vocês gravaram para projeto ao longo dos anos 90. Vocês remixaram o material para dar uma unidade e lançar o disco como algo genuíno do grupo e não apenas uma coletânea?

Bruno Fortunato – A única que a gente não mexeu foi Esotérico, pois essa a gente só remasterizou. Agora, o resto tudo deu trabalho; quer dizer, a gente empenhou tempo e trabalho nas músicas. Tem três músicas de épocas diferentes, além de cinco que saíram em projetos – inclusive um super recente, Mamãe Natureza...

International Magazine – Essa é inédita, né?

George Israel – Não, ela simplesmente não fora lançada comercialmente. Mas ela foi para um disco de um projeto filantrópico da Natura, programa “Crer Pra Ver”. Foi um projeto especial, que não chegou a vender em loja, mas que foi levado aos clientes deles. Um monte de gente participou, inclusive Sandra de Sá. Quando a gente estava gravando essa música, Mamãe Natureza, foi que a gente começou a se tocar que estava com um monte de músicas espalhadas. A participação da Paula no “Acústico” da Rita Lee foi maravilhosa e Mamãe Natureza a gente já tinha tocado em show, meio rock ‘n’ roll e meio na onda. Então, na mesma época em que a gente estava gravando esta música, tinha saído o Teletema e tinha começado a tocar na rádio. Chegaram até a nos perguntar em que disco estava, muito embora na verdade estivesse no disco do Memê. Foi aí que começou a

rolar essa história, quando a gente viu que tínhamos várias músicas espalhadas. Pingos de Amor nunca tinha saído num disco nosso... e a gente também tinha essa versão de Mas Que Nada com o Benjor, que era para aquele disco dele “Música para Elevadores”. Só que a Fernanda Abreu gravou a mesma música...

Bruno Fortunato – Foi um mal entendido, porque o cara que estava envolvido na produção deu um descuido e aí dois artistas gravaram a mesma música.

George Israel – Na verdade, a Fernanda fez um medley e então o nome da música não era o mesmo. Mas acabou ficando um pedaço do Mas Que Nada, então a gente acabou que retomou essas músicas e deu uma vasculhada pra ver o que tinha de interessante para se ter junto num disco. E acabou que a gente optou por não botar nenhuma regravação que estivesse em discos nossos, já que num certo momento a gente fez várias.

International Magazine – Na verdade, tudo aí é inédito em discos de vocês.

George Israel – É, muito embora uma que era pro “Autolove” acabou vindo pra esse. Na época nós não achamos que tivesse a ver com o disco. Nós demos um trato, pusemos voz e sax novos e outra, Deve Ser Amor, que também era mais recente, entrou junto com outra que o Bruno achou – Um Momento Só, que ele achou numa demo pro “Ê Ê Ê” e que estava no maior só. Essa a gente só editou e remasterizou.

International Magazine – Mas este disco não só poderia ter 14 faixas também gerar um volume 2, né? Vocês deixaram muita coisa de fora, como às sobras do “Remix” e até as remixagens dos anos 80.

George Israel – Ah é, mas eu acho a gente não botaria remixes num disco. Isso seria mais pra juntar coisas, como caixa etc. No “Coleção” a gente está juntando coisas que não estão nos discos da gente, mas a gente gostaria que estivesse. A gente poderia ter feito o que você está falando: ter colocado um remix, até uma versão alternativa de Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda. A gente chegou até a pensar nisso, porque foi à regravação nossa que teve mais projeção. Agora, com relação ao que você está falando dos anos 90, é engraçado... Porque nos anos 80 a gente não fez regravação nenhuma.

International Magazine – É, em termos de anos 80 vocês poderiam juntar os remixes promocionais.

George Israel – É, mas a gente tem algumas sobras de estúdios e outras versões. Mas o espírito aqui era outra história, afinal virou algo como uma coleção de singles – como se fossem singles que não estivessem em nossos discos. Apesar de não termos compactos, lados B etc, tivemos músicas que tocaram no rádio e a coisa ficou meio nessa onda.

International Magazine – Os fãs-clubes fizeram votação? Ou vocês coletaram as mensagens jogadas no site?

Bruno Fortunato – Tivemos pedidos sim, para que lançássemos essas gravações. Eles ficaram meio embananados, seja quando não sabem onde está a música que acabaram de ouvir ou quando não encontram discos que são difíceis de achar. Agora o que mais ouvimos é que o “Tudo é Permitido”, que está fora de catálogo, está difícil de encontrar. As pessoas também perguntam onde está Pingos e Teletema.

George Israel – A gente acha que as pessoas estão a par de tudo, mas de repente tem lugares que certos discos não chegam – até mesmo discos nossos. Tem isso, esses projetos do Almir Chediak são muito específicos. A viagem da “Coleção” foi muito legal, a gente ficou procurando um título pro disco e viu nossas coleções de compactos. Foi aí que a gente começou a viajar e ficou muito legal; cada faixa é tratada como um compacto, muito embora tenhamos duas num compacto duplo. (rindo) Tem uma onda assim, como se esses compactos tivessem saído.

Bruno Fortunato – No caso de muitas músicas dessas, a gente as gravou em épocas totalmente diferentes – em estúdios diferentes, com produtores diferentes.

George Israel – Até as faixas que têm uma certa unidade, mas é claro que há uma variação. E aí, quando rolou essa ideia do título, foi fechando melhor – optando por não botar Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda.

International Magazine – É, vocês poderiam ter colocado as cabalísticas 14 faixas...

Paula Toller – Tem isso, né? Num CD assim até que seria bom botar as 14 faixas, mas tem gente que faz um CD inédito e sofre. Imagina se pudéssemos colocar 800 faixas num CD? Não seria legal ficar atrelada à quantidade de faixas que o produto comporta.

George Israel – Antigamente o vinil tinha isso, a gente botava 10 ou 12 faixas. Havia uma limitação.

Paula Toller – É, mas aí com o CD todo mundo passou a ter que botar mais música e portanto fazer mais música. Mas acontece que quando você está ouvindo um CD, você nunca consegue ir além da décima faixa...



International Magazine – É por isso que disco novo raramente chega às 14 faixas. Mas e vocês, dentro deste conceito da “Coleção” vocês acham que tudo entrou?

George Israel – Teve uma música que a gente ficou com vontade de gravar, mas que acabamos não fazendo...

Bruno Fortunato – Teve mais, tinha uma da Dolores Duran...

Paula Toller – Sim, mas essa era nova. Ele está perguntando das coisas que a gente tinha espalhado por aí.

George Israel – Mas a gente estava pensando em gravar A Noite do Meu Bem, porque a gente tinha uma ideia legal de arranjo pra ela.

Paula Toller – Mas eu acho que acabou entrando mais coisas do que a gente pensou em “Coleção”. Um Momento Só a princípio a gente não tinha pensado em colocar, depois é que a gente a achou essa e outras que a gente não quis botar nos discos da época. Ficava aquele sentimento de que a gente sabia muito bem porque é que não quis no disco! (rindo)

International Magazine – Era uma questão de insatisfação com a gravação?

Paula Toller – Essa Um Momento Só – por exemplo – era uma demo; é uma música que a gente gravou num monte de arranjos, sei lá quantos, mas a gente ficou mudando a composição, o arranjo e a ideia... E aí gravou desse jeito. (rindo)

George Israel – Tem umas músicas como Eu Sei Voar. A gente estava ouvindo as fitas do “Autolove” agora e tem uma quatro ou cinco versões. E todo mundo achava tudo ótimo, principalmente as pessoas de fora. Fernanda, Memê, Dunga e Rodrigo ha achavam chocante, só que a gente não conseguia chegar ao final e achá-la legal. Então no final a gente já estava de saco cheio da música... E a Paula estava desesperada. A gente chegou a mixar a base, pra ver se ficava com uma cara melhor pra que ela pusesse a voz. Mas isso só acabou acontecendo um dia antes da gente ir masterizar em Londres. A gente pensava: “A gente não vai lançar essa música; ela é que irá lançar-se sozinha!” (rindo)

International Magazine – De onde lançou a ideia da “Coleção”? Surgiu da gravadora ou vocês é que resolveram?

George Israel – Foi uma ideia nossa mesmo, por achar que – se a gente não lançasse este disco agora, que tem a ver com o momento de regravações – a gente ia demorar muito e de repente ia perder o sentido.

Paula Toller – A gente não queria fazer um disco inédito e a gente queria fazer um disco. A gente estava participando destes projetos de tributos etc., e queria fazer um disco novo, mas também acho que – para um disco inédito – não ia ser legal. A gente começou a ver as músicas que teria para usar nele e aí começou a achar que ia ficar legal. Quando a gente fez a música inédita, que a gente gostou de ter feito e tal, foi dando um gás e o Tom Capone também começou a dar um gás nas músicas que a gente não tinha muita certeza. Eu me lembro dele nos falando da gravação da música dos Mutantes... E também dando ideias na produção e nos arranjos do disco, como foi em Pare o Casamento. Então é aquela coisa: às vezes você está meio desanimado com o negócio, chega alguém de fora e dá aquele gás. Isso foi muito legal do Tom, ele entrou só pra supervisionar como diretor artístico e acabou metendo a mão na massa, dando ideia pra caramba. Foi legal porque aí sim a gente concluiu aquele disco, que a gente estava pensando em fazer “meio assim”, acabou se transformando em algo bem bacana.

Bruno Fortunato – Outra coisa que nos deixou bastante animados é que tem muito material novo, coisas que a gente gravou há dois ou três meses. A gente também

matou um pouco a fissura que a gente estava de gravar coisas novas. A gente teve um tempo legal de estúdio, para batalhar essas músicas...

Paula Toller – É, muitas músicas dessas antigas a gente mexeu. Teletema a gente não mexeu porque é recente, é de 1999; mas Esotérico não, a gente só não mexeu porque as fitas estavam muito velhas e você sabe muito bem como é isso! (rindo) Chediak até achou a fita, mas aí ela estava cheia de problemas... Mas a gente mexeu Nas Curvas da Estrada de Santos, na qual refiz voz e a gente acelerou. A gente fez novamente o naipe de metais, porque no disco “Rei” ele sumiu. (rindo)

George Israel – É que sumiu um dos Adat’s onde estavam os metais, então a gente regravou... (rindo)

Bruno Fortunato – Aí a gente aproveitou pra botar teclados e guitarras – coisa que a gente fez também na música dos Mutantes.

Paula Toller – Em Mas Que Nada eu refiz a voz, porque no original tinha a voz do Benjor. Não que agora não tenha, mas é que a outra gravação soava meio como uma demo minha. A gente acabou fazendo de novo, depois deu uma editada...

George Israel – Essa coisa de edição foi bacana, porque a gente foi lá pra Toca do Bandido – que é estúdio caseiro do Tom Capone. A gente nunca tinha trabalhado com o Pro Tools, especialmente nessa maneira de cortar e montar. No disco passado a gente chegou a fazer uma música, mas nós não brincamos com isso como nessas músicas.

Paula Toller – George faz muito improvisado na música, então a gente pegava e ficava repetindo – botando no início pra dar efeito. Dá pra entender porque é que eles ficaram brincando.

George Israel – A gente também não estava correndo.

International Magazine – Mas vocês já tinham muita coisa gravada. George, você não acha que trabalhou mais com o mouse do que com o sax?

George Israel – Foi um trabalho diferente, porque em cada música você tem um negócio diferente pra fazer e num lugar diferente, num tipo de estúdio e com um tipo de equipamento. Acaba virando um trabalho de cronograma bem complicado. Virou uma gincana, tipo caça ao tesouro... (rindo) Eu acho que é legal ter feito esse disco assim também, primeiro porque foram muitas as coisas que a gente fez em termos de se gravar

músicas dos outros. É bom juntar tudo, pra gente parar com essa coisa de regravar e realmente entrar no século XXI pra valer! (rindo)

International Magazine – Você acha que estão colocando um ponto final nessa história?

Paula Toller – Não pra sempre, mas por durante um bom tempo eu espero... (rindo) A gente não vem fazendo que nem Titãs – três discos de gravação –, mas a gente fez o “Autolove” e antes dele todos tinham sempre uma ou outra música. Não sei se a gente não vai mais fazer, isso não é nenhuma promessa. Convite pra tributos sempre pintam, mas no fim das contas a gente acabou verificando que os tributos que a gente topou participar foram aqueles que a gente gostou mesmo.



Bruno Fortunato – A gente sempre pôde dar uma cara nossa às músicas; elas têm que render. A gente sempre deu sorte nesses projetos, eu acho que a gente foi competente e ficou contente com os resultados.

Paula Toller – Na hora de topar, antes de pensar na música, a gente pensa no compositor. Às vezes convidam a gente pra uns negócios esdrúxulos – como shows tributo, essa mania que andou tendo aí. A gente participou do tributo ao Cazuza, mas começou a virar uma exploração e a ser uma linha de montagem. Quando você vê, é um negócio mal feito. Eu não estou querendo dizer que todos tenham sido mal feitos, mas esta última onda começou a virar quase como uma obrigação de fazer...

George Israel – ... E acaba você tendo uma coisa que não é tão especial, no sentido de você estar simplesmente participando.

Paula Toller – Vira uma zona à escolha não só dos participantes, como também das músicas para cada um. Vira uma festa sem sentido nenhum – uma festa no mau sentido, tipo “vale tudo”. No próprio “Tributo a Cazuza”, do qual participamos e

pudemos ver tudo, principalmente, começa a virar uma coisa do tipo “tudo é tudo, tudo valem tudo é legal”. Tem que ter um mínimo de rigor, sabe? Eu acho, que poderia ter sido uma coisa muito mais bacana. Tem que saber escolher quem vai cantar quem vai cantar o que, mas não que com isso se vá discriminação entre um ou outro tipo de música. Não dá pra transformar Brasil num ritmo, esquecendo a letra e fazendo daquilo um axé. Aí, como hoje em dia tudo vale pra se aparecer na televisão, tudo é show, então vira um negócio como aquela música do Casseta e Planeta: “Eu tô tristão/tô sofrendo pra...” (rindo).

Por: Marcelo Fróes

(publicada no International Magazine nº 64, abril de 2000)

Cedido por André Felipe